



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

A estrutura ideológica de A filha do capitão

The ideological structure of The captain's daughter

Autor: Iúri Lotman

Tradutor: João Paulo de Oliveira Brito

Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Edição: RUS. Vol. 13. Nº 23

Publicação: Dezembro de 2022

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 11/11/s2022

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2022.202319>

LOTMAN, Iúri.

A estrutura ideológica de A filha do capitão,

tradução de João Paulo de Oliveira Brito.

RUS, São Paulo, v. 13, n. 23, pp. 205-233, 2022.



A estrutura ideológica de *A filha do capitão*

Lúri Lotman

Tradução de João Paulo de Oliveira Brito*

Resumo: No texto de 1962, o semiótico soviético Lúri Lotman (1922-1993) analisa o contato e as relações de oposição entre as visões de mundo nobre e camponesa representadas na novela *A filha do capitão* (1836), de Aleksandr Púchkin (1799-1837). Segundo Lotman, a novela expõe as regras internas concernentes a cada lado, como elas se repelem mutuamente, eternizando o conflito entre ambas, e como, para Púchkin, apenas valores humanistas – que estariam acima de quaisquer regras de classe – representariam uma solução ao problema.

Abstract: In the 1962 text, the Soviet semiotician Yuri Lotman (1922-1993) analyzes the contact and the oppositional relations between the noble and peasant worldviews represented in the novel *The Captain's Daughter* (1836), by Aleksandr Pushkin (1799-1837). According to Lotman, the novel exposes the internal rules concerning each side, how they repel each other, perpetuating the conflict between them, and how, for Pushkin, only humanist values – which would be above any class rules – would represent a solution to the problem.

Palavras-chave: Lúri Lotman; *A filha do capitão*; Aleksandr Púchkin; Humanismo
Keywords: Yuri Lotman; *The captain's daughter*; Alexander Pushkin; Humanism

* Universidade Federal Fluminense. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura e Licenciatura em História. <http://lattes.cnpq.br/5453920528201860>; <https://orcid.org/0000-0001-7276-223X>; joaobrito.contato@gmail.com.

Iúri Lotman escreveu vários artigos e ensaios sobre a vida e a obra de Aleksandr Púchkin, seu escritor favorito, tendo vários desses trabalhos reunidos no livro *Púchkin*, lançado em 1995 pela editora Iskússtvo, em São Petersburgo. Um desses textos fala sobre *A filha do capitão* (1836), novela que trata da histórica Revolta de Pugatchóv (1773-1775), encabeçada por cossacos e camponeses contra a nobreza do Império Russo. Na novela, um jovem nobre se vê em meio à revolta, desenvolve amizade com Emelian Pugatchóv, o líder cossaco, e transita entre os lados nobre e rebelde.

Em “A estrutura ideológica de *A filha do capitão*,” Lotman salienta que a novela expõe as visões de mundo nobre e camponesa como irreconciliáveis segundo suas lógicas internas: suas concepções de justiça, legitimidade ou honra, por exemplo, diferem radicalmente e impossibilitam o entendimento mútuo. Para Lotman, Púchkin percebeu que tal divisão resultava em um embrutecimento (*ojestotchénie*) de ambos os lados, o que perpetuava a guerra. Segundo a interpretação do semioticista, em Púchkin a saída do embrutecimento estaria no humanismo (*tcheloviéchnost*), que, colocado acima das regras internas de grupo, dissolveria as diferenças entre adversários e os elevaria em virtude.

A tradução foi feita a partir de *Idéinaia struktura “Kapitánskoi dótkhi”*, 1962. In: LOTMAN, I. M. *Púchkin*. São Petersburgo:

Iskússtvo, 1995, p. 212-227. Para todas as citações provenientes da novela feitas por Lotman no decorrer do texto, foi usada a tradução de Helena Nazário de *A filha do capitão* (1980).

A estrutura ideológica de *A filha do capitão*

A filha do capitão é uma das mais perfeitas e profundas criações de Púchkin e tem sido constantemente objeto de atenção das pesquisas. Da vasta literatura sobre o tema, cabe apontar a série de estudos de I. G. Oksman¹ e um capítulo do livro de G. A. Gukóvski.² As pesquisas em arquivos e a publicação de documentos, assim como uma fina análise do conteúdo ideológico e político nos trabalhos de I. G. Oksman – realizada, como é costume desse autor, em um amplo pano de fundo ideológico –, e a consideração, no livro de G. A. Gukóvski, sobre a natureza artística da novela e o seu lugar na formação do realismo de Púchkin, constituem as maiores conquistas da crítica literária soviética nessa área. E se as diferentes posições dessas obras podem se tornar matéria de debate científico, isso não diminui seu valor como base para qualquer aprofundamento na análise da novela de Púchkin. Um pesquisador encontrará uma série de comentários significativos nas obras de B. V. Tomachévski, V. B. Chklóvski, D. P. Iakubóvitch, E. N. Kupreiánova, N. K. Pikssánov, D. D. Blagoi, entre outros. No entanto, isso não significa que os problemas acerca de *A filha do capitão* tenham sido exaustivamente esclarecidos. Além disso, muitas questões

1 As obras de I. G. Oksman dedicadas ao estudo de *A filha do capitão* foram publicadas entre 1934 e 1955. Mais tarde, elas foram incluídas no livro “De A filha do capitão, de A. S. Púchkin, até Memórias de um caçador, de I. S. Turguêniev” (SARÁTOV, 1959). Nesse livro (pp. 101-102; 105; 110-111; 131) há uma revisão da literatura sobre o tema. A literatura sobre *A filha do capitão*, surgida após a primeira publicação desse atual artigo, é indicada no livro de I. M. Guillelson e de I. B. Múchina. *A novela de A. S. Púchkin, A filha do capitão*. Comentário: *Manual para professores*, 1977, p. 186-191. Aqui, é preciso destacar em especial as obras de G. P. Makogónenko, N. N. Petrúnina, L. S. Sidíkov e I. M. Toibin. (N. do A.).

2 Gukóvski, G. A. *Púchkin i problemi realistícheskogo stília* (*Púchkin e os problemas do estilo realista*). Moscou, 1957, p. 189. (N. do A.).

fundamentais da posição de Púchkin em *A filha do capitão* ainda permanecem discutíveis. Por exemplo, a interpretação das famosas palavras sobre a “revolta russa”.³ Enquanto I. G. Oksman as considera uma forma de concessão às condições da censura, uma reprodução de um ponto de vista conservador (como os de Dáchkova⁴ e Karamzin),⁵ desmistificado no decorrer de uma narrativa que desperta a simpatia dos leitores por Pugatchóv,⁶ B. V. Tomachévski, outro especialista em Púchkin, escreve: “A máxima posta no texto do romance não foi de maneira alguma motivada pela necessidade de expor os acontecimentos. Quanto às convicções de Grinéy⁷ – como herói do romance – sobre Pugatchóv e o movimento camponês, Púchkin as caracterizou, sob outras palavras e mais claramente, no próprio curso da ação. Se ele preservou essa frase, foi porque ela respondia às próprias convicções de Púchkin sobre a revolução camponesa. Não há, nesta frase, nenhum desdém pelo campesinato russo em servidão nem descrença na força do povo, ou qualquer pensamento conservador. A frase simplesmente expressa a descrença de Púchkin na vitória final da revolução camponesa nas condições em que o povo vivia”.⁸

Essa não é a única das controvérsias em torno de *A filha do capitão*. A solução para elas deve ser buscada na análise da obra em sua unidade ideológica e artística.

3 Lotman se refere à fala do herói da novela: “Deus nos livre de ver uma revolta russa, tão implacável e sem sentido!” (PÚCHKIN, 1980, p. 108). (N. do T.).

4 Ekaterina Románovna Dáchkova (1743-1810), escritora, diretora da Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo, amiga e apoiadora da imperatriz Catarina II, a Grande. (N. do T.).

5 Nikolai Mikháilovitch Karamzin (1766-1826), escritor, fez as vezes de historiador do Império Russo, autor de *História do Estado Russo* (1816-26). (N. do T.).

6 Personagem de *A filha do capitão* baseado no real cossaco Emelian Pugatchóv (1742-1775), líder da maior revolta cossaca-camponesa dentro do Império Russo, ocorrida entre 1773 e 1775. (N. do T.).

7 Jovem nobre, personagem principal de *A filha do capitão*. (N. do T.).

8 Tomachévski, B. V. *Púchkin*. Moscou/Leningrado, 1961, livro 2, p. 189. (N. do A.).

O caminho do pensamento de Púchkin, de *Dubrónski*⁹ aos ideais sobre Chvánvitch, Bachárin¹⁰ (paralelamente ao trabalho sobre *A história de Pugatchóv*)¹¹ e, enfim, *A filha do capitão*, é bem estudado nas obras¹² de I. G. Oksman e por diversos outros pesquisadores.¹³ Esses dados podem ser sumarizados da seguinte forma: Púchkin, no início da década de 1830, com base na essência puramente política do conceito de liberdade, chegou a convicções muito características dos herdeiros do pensamento dezembrista¹⁴.¹⁵ A liberdade, entendida como independência individual e plenitude de direitos políticos, é tanto necessária ao povo quanto à nobreza intelectualizada – que perdeu os antipopulares privilégios feudais, mas, na luta secular contra a autocracia, forjou uma tradição de amor à liberdade. A luta pelo reconhecimento do déspota pelos direitos dos nobres é uma forma de luta pelos direitos humanos. Com essas posições, o povo e a nobreza intelectualizada (“antigos nobres”) aparecem como aliados naturais na luta pela liberdade. Seu inimigo é a autocracia, ancorada nos burocratas de Estado e em uma pseudoaristocracia – a “nova nobreza,”

9 Novela inacabada de Púchkin, escrita em 1832, tem por título o nome do protagonista, um jovem nobre que se transforma em bandoleiro-herói e líder de um grupo de ex-servos que se insurge contra os desmandos de nobres cruéis. (N. do T.).

10 Mikhail Aleksandrovitch Chvánvitch (1749-1802) e Ivan Bachárin (1735-1774), oficiais russos que, depois de capturados pelos rebeldes durante a Revolta de Pugatchóv, aliaram-se ao líder cossaco e lutaram a favor da insurreição. (N. do T.).

11 Livro de história sobre a Revolta de Pugatchóv, escrito por Púchkin em 1834. Serviu como base para a escrita de *A filha do capitão*. (N. do T.).

12 Ver: OKSMAN, I. G. “De A filha do capitão, de A. S. Púchkin, até Memórias de um caçador, de I. S. Turguêniev”, pp. 5-36. (N. do A.).

13 Ver, por exemplo: CHKLÓVSKI, V. *Zamétki o proze Púchkina (Notas sobre a prosa de Púchkin)*. Moscou, 1937; FOKIN, N. I. *K istorii sozdánia “Kapitánskoj Dótchki” (Sobre a história da criação de A filha do capitão)*. Notas científicas do Instituto Pedagógico do Ural, v. 4, edição 3, 1957. (N. A.).

14 Lotman se refere ao pensamento decorrente da Revolta Dezembrista: um movimento encabeçado por oficiais que lutaram nas guerras napoleônicas e que promoveu uma revolta fracassada contra o absolutismo tsarista, em 1825, em favor de uma monarquia constitucional. (N. do T.).

15 Conferir a comparação das visões econômicas de Púchkin e M. Orlov em: BOROVÓI, I. S. *Ob ekonomícheskikh vozzréniakh Púchkina v natchale 1830-kh gg; Púchkin i ego vrémia (Sobre as visões econômicas de Púchkin no início da década de 1830; Púchkin e seu tempo)*. Edição 1, Leningrado, 1962. (N. do A.).

criada pela arbitrariedade autocrática. No campo da tipologia artística, tal abordagem implicava uma figura peculiar: não era a existência social, comum entre Dubróvski e Troiekúrov,¹⁶ considerada definidora de uma pessoa (Púchkin, é claro, era alheio à oposição sociológica habitual entre “pequena nobreza” e “grande” nobreza), mas, sim, o pertencimento a um certo grupo de ideias e tipo cultural e psicológico. Só a partir dessas posições se poderia entender que o modo de vida nobre, comum para Onêguin,¹⁷ não afeta o caráter popular moral de Tatiana,¹⁸ assim como Dubróvski pode passar para o lado do povo e permanecer um nobre. Ele perdeu sua propriedade, mas não sofreu a transformação moral que, por exemplo, levou Nekhliúdv¹⁹ a passar para o lado do povo. O Dubróvski do bando camponês é moralmente o mesmo Dubróvski de antes da quebra fatídica de seu destino. Sua vida passada de oficial e senhor de terras não lhe parece pecado ou indecência, da mesma forma que ele não considera sua nova vida uma ressurreição moral. Nobre russo de antiga linhagem, herdeiro da antiga tradição de resistência à autocracia, ele é um aliado natural do povo. E, na qualidade de líder dos rebeldes, ele mantém o poder patriarcal sobre seus camponeses. Seu bando lembra mais a “expedição” de guerrilha de 1812, liderado por um oficial como Vaska Deníssov ou Nikolai Rostov²⁰ (a quem seus hussardos chamavam de “nosso conde”), do que camponeses russos que se insurgem a machado contra um senhor.

As “observações gerais” que Púchkin forneceu em *A história de Pugatchóv* para Nicolau I testemunham uma profunda reviravolta ocorrida nas opiniões de Púchkin no curso dos estudos dos materiais da guerra camponesa liderada por Pugatchóv. Púchkin escreveu: “todos os plebeus eram a favor

16 Personagem da novela *Dubrówski*: um nobre, grande proprietário de terras e servos, e vilão da história. (N. do T.).

17 Protagonista do romance em versos de Púchkin *Eugênio Onêguin*, publicado em 1833. (N. do T.).

18 Personagem de *Eugênio Onêguin*, uma jovem que se apaixona por Onêguin. (N. do T.).

19 Protagonista de *Ressurreição* (1899), de Liév Tólstoi. (N. do T.).

20 Deníssov, capitão de cavalaria e Rostov, um conde e oficial russo: personagens em *Guerre e Paz* (1865-69), de Tolstói. (N. do T.).

de Pugatchóv. O clero lhe foi benevolente. [...] Somente a nobreza estava abertamente do lado do governo. Pugatchóv e seus cúmplices queriam primeiro persuadir os nobres para o seu lado, mas seus interesses eram opostos demais". É exatamente o fato de os "interesses" estarem na base do comportamento das pessoas – como Púchkin agora considera – que torna possível unir todos os nobres sem distinção de nível ideológico e intelectual, grau de liberdade ou servilismo, numa composição comum com o governo e em oposição aos plebeus. A tipificação da imagem artística adquiriu uma conotação nitidamente social. Isso, por sua vez, deixou uma marca em toda a estrutura ideológica e artística da novela.

Toda a trama artística de *A filha do capitão* está claramente assentada em duas camadas ideológicas e estilísticas, subordinadas à representação de dois mundos: o nobre e o camponês. Seria uma simplificação inadmissível, e que impediria a penetração nas verdadeiras intenções de Púchkin, considerar que o mundo nobre é representado na novela apenas satiricamente e o mundo camponês apenas com complacência, assim como afirmar que tudo o que é poético no lado nobre pertence, de acordo com Púchkin, não especificamente à nobreza, mas ao princípio nacional.²¹

Cada um dos mundos representados por Púchkin tem o seu próprio modo de vida, nutrido por uma poesia inerente unicamente a ele, à sua maneira de pensar e a seus ideais estéticos. A vida dos Grinévs e a educação do herói são dadas através do prisma das associações com a vida dos heróis fonvizinianos.²²

21 Nesse sentido, é característico o desejo frequentemente encontrado nos pesquisadores de transferir o "simples" Mirónov do lado nobre para o lado do povo. A posição de Púchkin em *A filha do capitão* é consideravelmente mais social do que, por exemplo, a de Tosltói em *Guerra e paz*, onde os Rostovs, juntos com o povo, realmente se opõem ao mundo dos Kuráguins. Não à toa Púchkin não pôs na narrativa figuras como Troiekéurov – tipo de nobre do século XVIII, antagonista dos Grinévs e Mirónovs. (N. do A.).

22 O pai de Grinév "se casou com a jovem Avdótia Vassílevna U..., filha de um pobre fidalgo da região. Nós éramos nove filhos. Todos os meus irmãos e irmãs morreram na infância." [PÚCHKIN, 1980, p. 3]. Este episódio sem dúvida deveria projetar na mente dos leitores a fala de Prostakóva e ressuscitar a atmosfera da vida do proprietário de terras do século XVIII: "O falecido pai havia se casado com a falecida mãe. Ela foi apelidada de Parideira. Eles tiveram dezoito filhos e, exceto eu e meu irmão, todos, pelo poder de Deus, morreram." (FONVÍZIN, D. *O menor*, ato 3, cena 5). Da mesma cena, Púchkin tirou outra fala como

No entanto, o satirismo afiado do estilo de Fonvizin²³ é suavizado. Perante nós está uma história que evoca a simpatia dos leitores para o herói e sua infância. As reverberações de Fonvizin são tomadas não como uma representação satírica da fealdade da vida irracional de proprietários ruins, mas como uma reconstrução do que era característico do ser nobre no século XVIII. O estilo de vida provinciano nobre de Grinév não é contrário, como era com Fonvizin, à elevação da cultura nobre, mas se une a ela. O modo de vida “simples” dos Grinévs não tira a sua relação com as melhores tradições da cultura nobre do século XVIII e seus frutos – o senso de dever, a honra e a dignidade humana. Não à toa a camada “nobre” da novela está permeada de ecos e associações que revivem a atmosfera da literatura nobre do século XVIII com seu culto ao dever, honra e humanidade. Para esse propósito também servem as epígrafes: em parte genuinamente emprestadas de poetas do século XVIII, em parte estilizadas para parecerem com eles. Era importante para Púchkin que os nomes de A. Sumarókov, I. Kniajnín e M. Kheráskov²⁴ fossem listados sob os títulos dos capítulos, orientando os leitores a uma imagem específica. Na infância, tal como Mitrofan, Grinév diz: “continuei vivendo como qualquer jovem fidalgo antes da idade de se alistar, perseguindo pombos,”²⁵ porém cresceu não como Skotínin,²⁶ mas como um honesto oficial e poeta cujos poemas “para a época eram bons e, alguns anos mais tarde, Aleksandr Petróvitch Sumarókov dispensou-lhes muitos elogios”.²⁷ É exatamente da mesma maneira que o nome de Trediakóvski²⁸ – que

epígrafe do capítulo “A fortaleza”, de *A filha do capitão*: “Gente antiga, paizinho” (*O menor*). Savélich é caracterizado com uma citação de *Mensagem aos meus servos*, de Fonvizin: “[...] de meu dinheiro, minhas roupas e meus negócios” [Ibidem, p. 10]. (N. do A.).

23 Denis Fonvizin (1745-1792), importante escritor, dramaturgo e linguista russo. (N. do T.).

24 Aleksandr Petróvitch Sumarókov (1717-1777), Iákov Boríssovitch Kniajnín (1740-1791) e Mikhail Matvéievitch Kheráskov (1733-1807): poetas e dramaturgos russos. (N. do T.).

25 PÚCHKIN, 1980, p. 5.

26 Mitrofan e Skotínin, personagens em *O menor* (1783), de Fonvizin. (N. do T.).

27 PÚCHKIN, op. cit., p. 30.

28 Vassíli Kirílovitch Trediakóvski (1703-1768), poeta e filólogo russo. (N. do T.).

acaba sendo um professor para Chvábrin²⁹ – está entrelaçado “familiarmente” na narrativa. Grinév, herdeiro do racionalismo voltairiano russo, não pode falar do seu sonho misterioso sem a tímida ressalva de que “é natural o homem entregar-se a superstições, apesar de seu desprezo pelos preconceitos”.³⁰ No espírito dos juristas russos do século XVIII, seguidores de Beccaria,³¹ ele protesta contra a tortura (“Acreditava-se que a confissão do próprio criminoso fosse indispensável para a sua plena acusação, ideia que carece de fundamento e é totalmente contrária ao bom senso jurídico”)^{32, 33}

O modo de vida camponês é inspirado por sua poesia: canções, contos e lendas permeiam toda a atmosfera da narrativa sobre o povo. Lugar especial é ocupado pelos provérbios, em que a originalidade do pensamento popular se cristalizou. Os pesquisadores chamaram a atenção inúmeras vezes para o papel dos provérbios e enigmas na caracterização de Pugatchóv. Mas outros personagens do povo também falam com/por meio de provérbios. Savélitch³⁴ escreve na carta para o seu senhor: “[...] não se deve culpar o rapaz pelo que aconteceu. Um cavalo, mesmo com quatro patas, acaba tropeçando”³⁵. Púchkin frisou que a fala de Pugatchóv, ao absorver toda a originalidade da língua popular, é incompreensível para o jovem nobre: “Naquela ocasião, eu não consegui entender esta

29 Personagem de *A filha do capitão*, vilão da história. (N. do T.).

30 PÚCHKIN, op. cit., p. 14.

31 Cesare Beccaria (1738-1794), filósofo e jurista iluminista milanês. (N. do T.).

32 PÚCHKIN, op. cit., p. 52.

33 Claro, a Grinév também pertencem as palavras sobre a “revolta russa” que causou inúmeras discussões. I. G. Oksman traçou paralelos do raciocínio de Grinév com as notas sobre Dáchkova e as obras de Karamzin. Exemplos similares podem ser citados em um número muito grande. Gostaria apenas de salientar que no contexto da vida ideológica russa do final do século XVIII – e Púchkin estava bem ciente disso –, tais declarações não se pretendiam protetivas, mas tinham um caráter liberal-nobre. No entanto, a discussão sobre o significado dessas palavras de Grinév adquiriu um caráter claramente hipertrofiado, obscurecendo a análise de toda a novela como tal. O fato de a condenação da “revolta russa” ser de Grinév não leva automaticamente a nenhuma conclusão sobre a posição de Púchkin. Não pode ser entendida por uma simples interpretação de máximas individuais. É preciso determinar o significado de toda a ideia em sua unidade. (N. do A.).

34 Personagem de *A filha do capitão*, servo fiel de Grinév. (N. do T.).

35 PÚCHKIN, op. cit., p. 45.

conversa de ladrões”,³⁶ escreve Grinév. Além disso, é significativo que a língua secreta de “ladrões” usada por Pugatchóv e pelo proprietário do “*umiót*”³⁷ não é nem um jargão nem uma linguagem especial acessível somente aos membros da gangue, mas a linguagem dos provérbios e dos enigmas – a essência do elemento distintamente nacional da língua. O significado da fala, incompreensível para Grinév, é perfeitamente claro para o leitor.

Diferentes estilos de vida, de interesses, de ideais morais e de inspiração poética: os mundos nobre e camponês têm também diferentes entendimentos sobre o poder do Estado. Púchkin dispensava a dicotomia da divisão de poderes em “legítimos” e “ilegítimos”. Ainda enquanto viajava pelos Urais, ele descobriu que o povo divide o poder entre nobres e camponeses e, obedecendo à força dos primeiros, considera os últimos legítimos por si mesmos. Em “Notas sobre a revolta” (1835), Púchkin escreveu: “‘Diga-me’, disse eu a D. Piánov, ‘como é que Pugatchóv foi seu padrinho de casamento?’. ‘Ele é Pugatchóv para você’, respondeu-me o velho com raiva, ‘mas para mim ele foi o grande soberano Piótr Fiódorovitch’”. Mas também o governo, o poder nobre, trata os “seus” de forma diferente – mesmo que sejam “traidores – e os “outros”. Ele não administra a justiça, mas a violência de classe: “É notável a diferença que o governo acreditou existir entre a nobreza individual e a nobreza hereditária. O tenente Minéiev e diversos outros oficiais foram levados através das fileiras e punidos com chicotadas, enquanto Chvánvitch foi desonrado com uma espada quebrada³⁸ sobre sua cabeça”. A historiografia nobre considerava o Estado autocrático como a única forma possível de poder. Para essa historiografia, o movimento popular pode levar apenas ao caos e à morte do Estado. Não só os reacionários, mas também os pensadores liberais do século XVIII e início do XIX consideravam que a revolta popular trazia consigo o

36 *Ibidem*, p. 17.

37 Pequena estalagem na estepe. (N. do T.).

38 Ato ritualístico que consistia na humilhação e punição de um nobre ao ter simbolicamente uma espada quebrada acima de sua cabeça, indicando a perda de seus direitos aristocráticos. (N. do T.).

caos social. O ponto de vista Iluminista, especialmente em sua variante democrática – de Rousseau e de Radíchev³⁹ –, partia da concepção de soberania popular e do direito dos oprimidos à revolta. A partir de uma posição completamente diferente daquela dos ideólogos nobres, o Iluminismo também era normativo. Ele dividiu os sistemas de Estado em certo e errado, e para cada povo em um dado momento histórico permitiu apenas uma possibilidade.

A posição de Púchkin era essencialmente diferente. Vendo a cisão da sociedade em duas forças opostas e conflitantes, ele entendeu que a razão para tal cisão não está na má vontade de alguém, nem nas baixas qualidades morais de qualquer um dos lados, mas em profundos processos sociais que independem da vontade ou das intenções das pessoas. Portanto, Púchkin é profundamente alheio a uma abordagem unilateral e didática da história. Ele não vê nos lados conflitantes os representantes da ordem ou os da anarquia, nem os ativistas pela sociedade contratual “natural” ou os violadores dos primordiais direitos humanos. Ele vê que cada lado tem a sua própria “verdade”, histórica e socialmente fundamentada, verdade essa que exclui a possibilidade de se compreender as razões do campo oposto. Além disso, tanto os nobres quanto os camponeses têm sua própria concepção de poder legítimo e seus próprios portadores desse poder, que cada lado considera legítimos pelas mesmas causas. Catarina II é uma tsarina nobre e legítima, e seu governo está em conformidade com as ideias legais da nobreza. A legitimidade dos princípios de seu poder, aos olhos dos nobres, torna as fraquezas de seu caráter individual – que inevitavelmente acompanha a autocracia – uma questão secundária. O pai de Grinév, em cuja imagem Púchkin deliberadamente abafou os traços do descontentamento aristocrático, fazendo-os descer do pedestal de uma posição política independente ao nível dos traços característicos de um homem da época, instrui seu filho: “Serve com

39 Aleksandr Nikoláievitch Radíchev (1749-1802), filósofo russo iluminista, poeta, crítico social e ligado ao pensamento do radicalismo clássico, exilado em 1790 por Catarina II, a Grande. (N. do T.).

fidelidade a quem prestares juramento”.⁴⁰ Do ponto de vista dos heróis nobres, Pugatchóv é um “vilão”. Ivan Kuzmitch⁴¹ diz a Pugatchóv: “Tu não és o meu soberano,” e Ivan Ignátitch repete: “Tu não és o nosso soberano”.⁴² Por outro lado, os camponeses da novela, tal como o interlocutor de Púchkin, D. Piánov, consideram Pugatchóv o governante legítimo e os nobres como “desobedientes ao soberano”. Preparando os materiais para a *História de Pugatchóv*, Púchkin escreveu que os cossacos do Iáik⁴³ “gritaram: vocês não puderam nos controlar antes quando não tínhamos um Senhor, mas agora nosso Paizinho veio até nós novamente e vocês não podem nos controlar; e por quanto tempo vocês, tolos, vão servir a uma mulher? – É hora de reaverem a razão e servirem ao soberano”. Grinév, porém, não pode reconhecer Pugatchóv como tsar: “Eu sou um fidalgo de nascimento; jurei fidelidade à imperatriz e não posso ficar a teu serviço”.⁴⁴

Púchkin vê claramente que, embora o “tsar camponês” pegue emprestadas as características externas do poder da nobreza de Estado, seu conteúdo é diferente. O poder camponês é mais patriarcal, mais diretamente relacionado com as massas governadas, é desprovido de funcionários do Estado e está matizado com os tons da democracia familiar. No conselho de guerra de Pugatchóv – “estranho” para Grinév –, “todos se tratavam com camaradagem e não demonstravam qualquer preferência especial pelo chefe”.⁴⁵ Nesse sentido, as faixas de cavalaria nos *tulup*⁴⁶ camponeses dos companheiros de Pugatchóv e a cabana camponesa forrada de papel dourado, com uma pia pendurada em uma corda, uma toalha em

40 PÚCHKIN, 1980, p. 7.

41 Ivan Kuzmitch Mirónov, personagem de *A filha do capitão*, capitão do forte onde serve Grinév. (N. do T.).

42 PÚCHKIN, op. cit., p. 62.

43 Antigo nome do hoje chamado rio Ural. (N. do T.).

44 PÚCHKIN, op. cit., p. 71.

45 Ibidem, p. 69.

46 Casaco de pele de carneiro, lebre ou raposa, por exemplo. (N. do T.).

um prego, um *ukhvát*⁴⁷ no canto e larga chapa de fogão lotada de panelas – o “palácio” de Pugatchóv – são profundamente simbólicos.

Porém, é exatamente a natureza camponesa do poder político de Pugatchóv que o faz um ladrão e impostor para os nobres e um grande soberano para o povo. O próprio Pugatchóv diz a Grinév que é chamado de “sanguinário” pelos “vossos”,⁴⁸ mas o pai de Grinév sabe, como todos os nobres, que o objetivo da “revolta ignóbil” era “a derrubada do trono e o extermínio da nobreza”.⁴⁹

A compreensão da impossibilidade da reconciliação social e de que na trágica luta ambos os lados têm sua verdade de classe revelou a Púchkin, de uma nova maneira, uma questão que há muito o preocupava: a da brutalidade associada à luta social. Em 1831, Púchkin, apreensivamente esperando um novo “pugatchóvismo,” observou com agitação as manifestações de brutalidade do povo insurgente. Em 3 de agosto de 1831, ele escreveu a Viázemski: “você ouviu corretamente sobre as rebeliões em Nóvgorod e da Velha Rus.⁵⁰ Terrível. Mais de cem pessoas – generais, coronéis e oficiais – foram massacradas nos assentamentos de Nóvgorod com todos os requintes de crueldade. Os rebeldes os açoitaram, estapearam seus rostos, zombaram deles, saquearam suas casas, violaram suas esposas; 15 médicos assassinados [...], a revolta da Velha Rus ainda não terminou. Os militares ainda não ousam aparecer na rua. Lá, esquartejaram um general, pessoas foram enterradas vivas e assim por diante. Assim agiam os camponeses a quem os regimentos entregaram seus comandantes. Está ruim, Vossa Alteza”.⁵¹ As impressões de Púchkin nesse período, ao que parece, coincidiram com os pensamentos de seu correspondente, N. M. Kónchin, que viu os acontecimentos de perto e escreveu

47 Um longo garfo para pegar panelas quentes em fornos. (N. do T.).

48 PÚCHKIN, op. cit., 95.

49 Ibidem, p. 115.

50 A Velha Rus compreendia a cidade de Nóvgorod e seus arredores. (N. do T.).

51 Para uma interpretação do significado desta citação em relação à história da concepção de *A filha do capitão*, ver: Oksman, I. G. 1957, p. 24. (N. A.).

a Púchkin: “Quão feroz em sua amargura é o bom povo russo! Se apiedam, mas torturam..”. Púchkin, então, tentou incorporar a imagem da dupla natureza da alma do povo em Arkhip,⁵² que mata funcionários do Estado⁵³ e salva um gato.

No momento da criação de *A filha do capitão*, a posição de Púchkin mudou: a ideia da brutalidade dos camponeses foi substituída pela noção do embrutecimento fatídico e inevitável de ambas as partes beligerantes. Ele começou a registrar meticulosamente as carnificinas cometidas pelos correigionários do governo. Em suas “Notas sobre a revolta,” ele escreveu: “As execuções realizadas na Basquíria pelo General Príncipe Urússov são inacreditáveis. Cerca de 130 pessoas foram exterminadas em meio a todos os tipos de tormentos!⁵⁴ ‘O resto do povo, até mil (escreve Rinkóv), foi perdoado – após terem cortados seus narizes e orelhas.’”. Junto da história da execução de Khárlova e seu irmão de sete anos de idade⁵⁵ – perpetrada pelos seguidores de Pugatchóv – que, perante a morte, “rastejaram, se abraçaram e então morreram,” Púchkin colocou em suas notas de viagem a imagem dos massacres brutais que os partidários de Pugatchóv sofreram pelas forças do governo. “Quando Pugatchóv foi derrotado nos arredores de Tatíscheva,⁵⁶ os revoltosos do Iáik⁵⁷ cavalgaram até o assentamento, feridos, alguns sem mãos, outros com as cabeças

52 Personagem de *Dubrówski*. (N. do T.).

53 Para a concepção de Púchkin na primeira metade da década de 1830, é significativo que as vítimas do povo insurgente sejam exatamente os funcionários públicos, ou seja, os servidores da autocracia e da pseudoaristocracia a ela associada, e não seu “próprio” proprietário de terras. As revoltas nos assentamentos militares pareciam confirmar essas convicções: elas eram direcionadas contra os funcionários públicos militares, subordinados ao governo. (N. do A.).

54 Em um rascunho, Púchkin circulou essa passagem: “Alguns, escreve Rinkóv, foram empalados em estacas; outros foram pendurados pelas costelas com ganchos, e outros mais foram esquartejados.” (N. do A.).

55 Tatiana Grigórievna Khálova (1756-1773), jovem nobre, filha do comandante da fortaleza Tatíscheva, foi feita concubina de Pugatchóv. Ela e seu irmão caçula (17 e 7 anos de idade, respectivamente) foram assassinados pelos cossacos sob a alegação de que Pugatchóv havia se apegado demais à jovem. (N. do T.).

56 Fortaleza de Tatíscheva, na região de Oremburgo, local da primeira grande derrota de Pugatchóv para as forças imperiais, em março de 1774. (N. do T.).

57 Trata-se dos rebeldes aliados a Pugatchóv que residiam na região do rio Iáik. (N. do T.).

partidas [...]. E os hussardos de Golítsin⁵⁸ e de Khorvát⁵⁹ gargalhavam nas ruas enquanto os massacravam”.

Púchkin se deparou com um fenômeno que o chocou: a extrema brutalidade de ambos os lados beligerantes frequentemente não advinha da sede de sangue de certas pessoas, mas do embate de concepções sociais irreconciliáveis. O simpático capitão Mirónov não hesita em recorrer à tortura, e os bons camponeses levam o inocente Grinév à forca sem qualquer ódio pessoal a ele: “Fui arrastado até a forca. ‘Não tenhas medo, não tenhas medo’, repetiam os meus carrascos, desejando, talvez, de fato, encorajar-me”.⁶⁰

Púchkin foi convencido pelo relato de Krilov⁶¹ sobre o fato de a brutalidade não poder ser explicada por razões aleatórias ou pelo caráter de pessoas individuais, de como até mesmo o embrutecimento germinou nas crianças com o “jogo da Revolta de Pugatchóv”: “As crianças se dividiam em dois grupos, os governistas e os revoltosos, e as lutas foram significativas. [...] Ocorreu entre os garotos – entre os quais havia adultos – tamanho frenesi, que o jogo forçosamente foi proibido. Um tal de Antchápov quase foi vítima desse jogo (mas sobreviveu). Miertvágo,⁶² tendo apreendido-o em uma expedição, o pendurou com uma corda na árvore. Ele foi solto por um soldado que passava”.

A impossibilidade de reconciliação entre as partes em conflito e a inevitabilidade de uma guerra civil encarniçada e destrutiva foram reveladas a Púchkin em toda a sua fatal tragédia. Isso foi evidenciado porque, ao apresentar os acontecimentos através dos olhos de um observador-nobre, Púchkin mostrou a estreiteza e a parcialidade social do ponto de vista do narrador. Grinév escreve: “O bando partiu da fortaleza, em

58 Príncipe e general Piótr Mikháilovitch Golítsin (1738-1775), um dos líderes da supressão da Revolta de Pugatchóv. (N. do T.).

59 Coronel Gueorgi Ivánovitch Khorvát (1742-1776). (N. do T.).

60 PÚCHKIN, 1980, p. 62.

61 Ivan Andréievitch Krilov (1769-1844), fabulista e dramaturgo, amigo de Púchkin, que há muito era leitor de suas obras. (N. do T.).

62 Provavelmente Krilov se refere ao senador e conselheiro imperial Dmitri Boríssovitch Miertvágo (1760-1824). (N. do T.).

ordem,”⁶³ e o oxímoro estilístico “o bando partiu”, enfatizado pelo fato da ação ter sido “em ordem”, mostra tanto um quadro objetivo do desempenho das tropas camponesas como a impossibilidade de um observador-nobre perceber qualquer coisa nessas tropas que não um bando. Assim é construída toda a trama da novela. Dessa forma, sem dúvida, sucede que as máximas do narrador, causadoras de longas polêmicas, não pertencem a Púchkin – o que não diz que Púchkin não concorde com elas.

Definir a relação do autor com os grupos sociopolíticos que ele retrata é um problema central em *A filha do capitão*. A disputa sobre a quem atribuir esta ou aquela máxima no texto não trará a solução dessa questão, pois é claro que o método de transformar heróis históricos em porta-vozes das ideias do autor era profundamente estranho a Púchkin. É muito mais apropriado investigar quais personagens, em quais situações, despertam a simpatia do autor. Tempos antes, ao criar a ode *Liberdade*, Púchkin considerou a lei uma força acima do povo e do governo, a materialização da justiça. Agora lhe foi revelado que as pessoas que vivem em um mundo socialmente dividido estão inevitavelmente sob o comando de uma de duas concepções de legalidade e justiça mutuamente incompatíveis, de acordo com as quais o que é legítimo do ponto de vista de uma força social será ilegítimo para a outra. Essa convicção enriqueceu Púchkin com um grande realismo histórico, permitiu que ele visse na história o choque de reais forças de classe e o levou à criação de obras altamente analíticas do ponto de vista social, como *Cenas dos tempos de cavalaria*.

Porém, essa penetração nas leis da história pôs Púchkin, de novo, e de uma forma inédita, perante uma questão que há muito o preocupava: a relação entre o que é historicamente inevitável e o humano. O pensamento de que o progresso histórico é inseparável da humanidade estava constantemente, de uma maneira ou de outra, presente na consciência de Púchkin.

63 PÚCHKIN, op. cit., p. 76.

A dialética entre a regularidade das leis históricas e os direitos de uma personalidade humana preocupava Púchkin desde 1826.⁶⁴ Mas agora a história aparecia como uma luta interna e não como um movimento uniforme,⁶⁵ e Púchkin se defrontou com a questão da relação entre a luta social e o critério ético humanista.

Púchkin revela as contradições que emergem entre os conflitos políticos e éticos no destino de seus heróis. O que é justo do ponto de vista das leis do Estado da nobreza acaba por ser desumano. Mas seria uma simplificação inadmissível negar que a ética da revolta camponesa do século XVIII foi revelada a Púchkin não apenas em sua justificação histórica, mas também nas características que são categoricamente inaceitáveis para o poeta. A complexidade do pensamento de Púchkin é revelada por meio de uma estrutura especial que obriga os heróis, ao saírem de seus círculos de noções de classe inerentes a eles, a expandir os seus horizontes morais. A composição do romance é construída exclusivamente de forma simétrica.⁶⁶ Primeiro, Macha⁶⁷ se vê em perigo: as duras leis da revolução camponesa matam sua família e ameaçam sua felicidade. Grinév vai até o tsar camponês e salva sua noiva. Depois, Grinév se encontra em perigo, e a causa disso, dessa vez, recai nas leis do Estado da nobreza. Macha vai até a tsarina dos nobres e salva a vida de seu noivo.

Consideremos os nós do enredo principal. Até o décimo capítulo, a ação está subordinada ao aprofundamento do conflito entre os mundos nobre e camponês. O herói, exortado pela educação, pelo juramento e pelos interesses próprios a ficar do lado do Estado da nobreza, está certo da justiça de suas leis. As normas morais e legais de seu meio correspondem às suas aspirações como pessoa. Mas na Oremburgo sitiada ele aprende

64 1826 marca o retorno de Púchkin do exílio (N. do T.).

65 Em *Poltava*, a luta ocorre entre Pedro e os egoístas e ambiciosos paladinos errantes (Mazepa, Karl XII); em *A filha do capitão*, Pugatchóv e Catarina II representam os dois polos do século XVIII russo. (N. do A.).

66 Sobre isso, ver: BLAGOI, D. D. *Masterstvo Púchkina (A maestria de Púchkin)*. Moscou, 1955. (N. do A.).

67 Macha Mirónova, filha do capitão Mirónov, personagem de *A filha do capitão*. (N. do T.).

sobre o perigo que ameaça Macha Mirónova.⁶⁸ Como nobre e oficial, ele vai até o seu chefe de serviço com um pedido de socorro, mas em resposta ouve um sermão sobre as prescrições do regulamento militar:

“Vossa Excelência, permita-me reunir um destacamento de soldados e meia centena de cossacos e deixe-me ir limpar a fortaleza de Belogórskaia”.

O general olhou fixamente para mim, julgando provavelmente que eu tinha enlouquecido (e nisso ele não estava muito enganado).

“Como assim? Limpar a fortaleza Belogórskaia?” ele disse, afinal.

“Eu lhe garanto o sucesso,” respondi com arrebatamento. “Mas deixe-me ir”.

“Não, jovem,” disse ele, balançando a cabeça. “Numa distância tão grande, o inimigo pode facilmente cortar-lhes as comunicações com o principal ponto estratégico e conseguir uma vitória completa sobre vocês. E se as comunicações forem cortadas..”.

Fiquei assustado quando vi que ele entrava em considerações militares [...].⁶⁹

As falas e as ações do general são razoáveis e justificadas do ponto de vista dos regulamentos. São legítimas e legais. Dando tropas a Grinév, ele violaria as regras da teoria militar; não as dando, ele viola somente a exigência do humanismo. O tom burocrático das falas do general enfatiza um novo lado da ideia de legalidade, que se volta para o herói em sua faceta formal e desumana. Isso fica ainda mais claro depois que Grinév revela ao general o interesse íntimo no destino de Macha Mirónova. Ele ouve a resposta: “Pobre rapaz! Mas, mesmo assim, eu não posso te dar um destacamento de soldados e meia centena de cossacos. Uma expedição destas não seria prudente. Não posso assumir uma responsabilidade tão grande”.⁷⁰ O general pessoalmente simpatiza com Grinév, mas age como um burocrata.

68 Nos referimos à versão original do décimo primeiro capítulo, e não a subsequente, censurada. (N. do A.).

69 PÚCHKIN, 1980, p. 85.

70 *Ibidem*, p. 85.

Grinév dá um passo absolutamente inesperado para um oficial russo do século XVIII (não à toa, ele mesmo chama seu pensamento de “estranho”): em busca de ajuda, ele sai da esfera de ação das leis da nobreza e apela para o tsar camponês. No entanto, do lado dos insurgentes operam as suas próprias leis e ideias políticas reguladoras, igualmente indiferentes à tragédia humana de Grinév. Além disso, como nobre, Grinév é contrário ao povo, e as leis da revolta e os interesses dos camponeses demandam não o ajudar, mas o destruir. Tal ação não derivaria da maldade de uma ou de outra pessoa, mas da aplicação automática de uma lei geral a um caso particular. Desejando permanecer um nobre e obter a ajuda de Pugatchóv, Grinév é obviamente incoerente. Um associado de Pugatchóv, Beloboródov, imediatamente indica essa incoerência. Ele diz: “[...] não seria mau aproveitar para interrogar o senhor oficial também. Qual é o motivo da visita dele? Se ele não o considera soberano, não deve procurar justiça contigo, e, se te considera, por que ficou até hoje em Oremburgo, com os teus inimigos? Tu não queres que eu o leve para a sala de interrogatórios e que lhe prepare uma fogueirinha? Parece-me que foram os comandantes de Oremburgo que mandaram Sua Nobreza para cá”.⁷¹ Esse conselho não denuncia nenhuma maldade particular em seu autor: a tortura no século XVIII, como Púchkin salientou claramente em duas cenas paralelas e especialmente no pensamento de Grinév, era prática normal do Estado da nobreza. Quanto à natureza da desconfiança de Beloboródov com Grinév, ela é completamente justificada pelos interesses de classe da revolução camponesa. Beloboródov não acredita em Grinév porque vê nele um nobre e oficial que não reconhece o poder do tsar camponês e se dedica aos interesses do mundo dos senhores. Ele tem todos os motivos para suspeitar que Grinév é um espião e, permanecendo dentro dos interesses do seu lado, está absolutamente certo. Isto Grinév não pode deixar de admitir: “A lógica do velho bandido me pareceu bastante convincente. Um calafrio me percorreu o corpo”.⁷² Levemos em consideração que a caracterização de Beloboródov como

71 Ibidem, p. 91.

72 Ibidem, p. 91.

bandido é dada pela posição social de Grinév, que justifica o capitão Mirónov, pelos costumes da época, a recorrer à tortura. Assim ficará claro que o desejo do “marechal de campo” de Pugatchóv de identificar uma pessoa com o seu grupo social e transferir – e com razão – toda a sua raiva social para o indivíduo, de tratar cada um dos membros da classe contrária de acordo com a política de leis de como lidar com esta classe, repete a lógica dos outros protagonistas da obra: Mirónov, Zúrin⁷³ etc. Não só o “bandido,” mas uma pessoa comum do seu mundo (como Zúrin) age conforme essas mesmas leis. As palavras: “O compadre do soberano e a sua patroa,”⁷⁴ ou seja, as evidências de que as pessoas capturadas são do mundo dos insurgentes são o bastante para que Zúrin, sem pestanejar, envie Grinév para a prisão e ordene que tragam a “patroa” para si. Mas agora Grinév está preso e é levado a julgamento. Seus juizes, “um general de meia-idade, de ar severo e frio, e um jovem capitão da guarda, de uns vinte e oito anos, de aspecto muito agradável e maneiras vivas e descontraídas”,⁷⁵ também agem “segundo as leis”. Eles veem em Grinév apenas um oponente político ligado aos “rebeldes,” e não uma pessoa. A confiança de Grinév de que ele seria capaz de se justificar sustentava-se em bases completamente diferentes: no senso de sua honestidade humana. Para as leis da nobreza, Grinév é realmente culpado e merece a condenação. Não à toa o veredicto é pronunciado não só pela corte como também por seu pai, que o chama de “traidor amaldiçoado”.⁷⁶ É revelador que, segundo Grinév pai, a desonra não seja a execução reservada ao filho, mas a traição da ética nobre. A execução até mesmo é exaltada, caso esteja ligada, para um nobre, com intenções e feitos elevados. “Não é a morte que amedronta; o meu tetravô morreu na forca, defendendo aquilo que a sua consciência mais respeitava; o meu pai padeceu junto com Volínski e Khruchchóv. Mas um nobre trair o seu juramento e unir-se a bandidos, assassinos e servos fugidos!..”⁷⁷

73 Personagem de *A filha do capitão*, um oficial do Império Russo. (N. do T.).

74 PÚCHKIN, op. cit., p. 104.

75 Ibidem, p. 112.

76 Ibidem, p. 116.

77 Ibidem, pp. 115-116.

Assim que Grinév entendeu que os juízes não se importavam com o lado humano de seus atos, ele parou de se defender, temendo envolver Macha no processo desumano de procedimentos legais formais.

Sempre quando o destino de Macha e Grinév entra em contato com as justificações internas de um determinado sistema político que, em essência, possui leis desumanas, a vida e a felicidade dos heróis estarão ameaçadas por um perigo mortal.

Mas os heróis não são mortos: são salvos pelo humanismo. Macha Mirónova é salva por Pugatchóv. Este, por sua vez, nada tem para refutar os argumentos de Beloboródov: os interesses políticos exigem lidar com Grinév e não poupar a filha do capitão Mirónov. Mas o sentimento que Khlopucha expressou de forma direta e espontânea, reprovando Beloboródov, também guia Pugatchóv: “Tu só pensas em matar e enforcar. [...] Por acaso a tua consciência já não está bem manchada de sangue?”⁷⁸ Ele age não conforme os ditames das considerações políticas, mas do sentimento humano. Ele é misericordioso e, portanto, incoerente, pois se distancia dos princípios que ele mesmo considera justos. Porém, essa incoerência é benéfica, já que o humanismo guarda em si a possibilidade de concepções históricas mais profundas do que as leis socialmente justificadas, mas socialmente relativas. Nesse sentido, é especialmente significativo que Pugatchóv fale com aprovação sobre a mulher do padre que, salvando Macha, enganou os rebeldes: “A mulher do padre fez bem em enganá-los”.⁷⁹

O destino de Grinév, que foi condenado – e do ponto de vista da legalidade formal do Estado da nobreza, de forma justa – está nas mãos de Catarina II. Como chefe do Estado da nobreza, Catarina II deve conduzir a justiça e, portanto, condenar Grinév. É notável sua conversa com Macha Mirónova: “A senhorita é órfã; com certeza vem se queixar de uma injustiça ou de uma ofensa”. – “Não, senhora; eu venho pedir clemência e não justiça”.⁸⁰ A oposição entre clemência e justiça, impossível

78 Ibidem, p. 92.

79 Ibidem, p. 100.

80 Ibidem, p. 118.

tanto para os iluministas do século XVIII quanto para os dezembristas, é profundamente significativa para Púchkin.⁸¹ A justiça – seguindo as leis – primeiro condena Cláudio à execução, e depois o próprio Ângelo, mas a misericórdia os salva: “E Duc o perdoou”;⁸² ou Pedro, para quem: “[...] o perdão celebra, / Como vitória sobre o inimigo,” e que “ao culpado a culpa / Perdoa, se divertindo [...]”.⁸³ A clemência torna-se um dos principais temas do Púchkin tardio. Em *Monumento*,⁸⁴ como um de seus maiores méritos espirituais, ele adicionou que “clamou por clemência aos caídos”. “Clemência” para Púchkin não significa de forma alguma um desejo de pôr um remendo liberal no despotismo. Trata-se de outra coisa: Púchkin sonha sobre formas de vida no Estado baseadas em relações genuinamente humanas. O poeta revela a inconsistência das concepções políticas que guiam os heróis de suas novelas da seguinte

81 G. P. Makogónenko considera que Grinév não cometeu um crime contra o Estado da nobreza, mas se tornou uma simples vítima da calúnia de Chvábrin e, portanto, Catarina II não enfrenta uma escolha difícil entre justiça e clemência na novela. Se aceitarmos esse raciocínio, as palavras de Macha Mirónova de que ela está em busca de “clemência e não justiça” perdem todo o sentido. Afinal, como Grinév não disse ao tribunal toda a verdade – o que poderia inocentá-lo completamente –, já que tinha medo de implicar Macha, ela mesma não teria motivos para uma conversa com a imperatriz e, portanto, a esta de nada valeria a restauração da justiça se nada fora violado. G.P Makogónenko ignora totalmente o fato de que o texto do décimo primeiro capítulo, “O povoado rebelde”, foi revisado por Púchkin em um manuscrito que, de acordo com B. V Tomachévski, ocorreu “claramente pelo desejo de satisfazer os requisitos da censura tanto quanto possível” (PÚCHKIN, *Obra completa*, 1978, vol. 4, p. 537). Daí a ambiguidade na descrição do futuro destino do herói. Segundo o manuscrito do capítulo, Grinév deixou seu posto de forma arbitrária durante as ações de guerra e foi por vontade própria para o campo do inimigo (“O meu caminho atravessava a fortaleza Bérdskaia, refúgio de Pugatchóv” [PÚCHKIN, 1980, p. 88]), e não foi capturado à força pelos seguidores de Pugatchóv durante a tentativa de invasão da fortaleza Belogór-skaia. Este é, sem dúvida, um crime do ponto de vista do tribunal militar. Basta imaginar que qualquer oficial de qualquer exército durante a guerra cometeu um ato semelhante – que na linguagem do tribunal militar é chamado de deserção e comunicação com o inimigo –, para que quaisquer argumentos sobre a inocência legal de Grinév desapareçam por si mesmos. É significativo que, mesmo sessenta anos depois, não se poderia esperar que tal trama passasse pela censura. No entanto, é exatamente essa trama que reflete a verdadeira intenção de Púchkin, só ela explica completamente o desenvolvimento dos eventos. A noção de que tudo se trata de uma calúnia de Chvábrin reduz o drama da situação e faz de um profundo problema social e ético uma habitual colisão de um plano puramente aventureiro. (N. do A.).

82 Do poema *Andjelo* (Ângelo), de 1833, de Púchkin. (N. do T.).

83 Do poema *Pir Petra Petrogo* (*O banquete de Pedro I, o Grande*), de 1835, de Púchkin. (N. do T.).

84 Poema de Púchkin, de 1836. (N. do T.).

forma: ele os faz transferir suas convicções políticas de suas esferas gerais para o destino de uma pessoa individual, para que os heróis sejam vistos não como Macha Mirónova ou Piótr Grinév, mas como “nobres” ou “rebeldes”. A posição do autor está no desejo de uma política que eleve o humanismo a um princípio de Estado, que não substitua as relações humanas pelas políticas, mas transforme a política em humanismo. Mas Púchkin é um homem de pensamento político sóbrio. O sonho utópico de uma comunidade socialmente harmônica não é expresso por ele de forma direta, mas pela negação de quaisquer reais sistemas que a realidade histórica pudesse lhe oferecer: o feudal-autocrático e o burguês-democrático (“[...] palavras, palavras, palavras”⁸⁵). Portanto, o desejo de Púchkin de avaliar positivamente aqueles momentos em que as pessoas da política, contrariando suas convicções e seus “interesses legítimos,” se elevam aos movimentos do espírito humano, não é de modo algum uma concessão à “tacanhice do espírito liberal”, mas um curioso marco na história do utopismo social russo: é uma etapa lógica no caminho para uma corrente mais ampla do pensamento russo do século XIX, incluindo os socialistas utópicos e utopistas igualitaristas camponeses, e todo o fluxo de buscas espirituais que, nas palavras de V. I. Lênin, “penou”, mas preparou o marxismo russo.

Em relação a tudo o que foi dito, deve-se decididamente rejeitar, como uma simplificação que é, a ideia disseminada de que a imagem de Catarina II é dada na novela como negativa ou deliberadamente rebaixada. Para provar essa tese, os pesquisadores têm que cometer uma tremenda violação ao texto de Púchkin. Vamos a um exemplo. D. D. Blagoi, em seu *A maestria de Púchkin*, livro rico em observações sutis, traz uma extensa citação da famosa cena do encontro de Macha Mirónova com a imperatriz no parque de Tsárkoie Seló, que interrompe Macha com as palavras: “Como, não é verdade!” replicou a senhora, e o sangue subiu-lhe às faces”,⁸⁶ cena ao qual Blagoi comenta:

85 Do poema *Iz Pindemonti* (*De Pindemonti*), de 1836, de Púchkin. (N. do T.).

86 PÚCHKIN, 1980, p. 118.

“Da ‘graça inexplicável’ da aparência da estranha, como vemos, nada sobra. Diante de nós não está uma “senhora” amável e sorridente, mas uma imperatriz raivosa e imperiosa, de quem é inútil esperar indulgência e piedade.

Em comparação a isso, fica até mais claro o humanismo de Pugatchóv em relação a Grinév e a noiva dele”.⁸⁷

No entanto, *A filha do capitão* é uma obra tão conhecida que até para um leitor despreparado uma coisa fica clara: na novela de Púchkin, Catarina II perdoou Grinév, tal como o fez Pugatchóv com Macha e também com o mesmo Grinév. Assim, o que significam as palavras de que é “inútil esperar indulgência e piedade” dela? Com grande sofisticação, foi apontada pela literatura científica a ligação entre a representação da imperatriz na novela e o famoso quadro de Borovikóvski. Todavia, é absolutamente impossível concordar que a representação cotidiana, “humana” e não convencionalmente feita como uma ode a Catarina II, esteja associada ao desejo de “diminuir” sua imagem, ou mesmo “expô-la” como uma governante indigna de sua missão para com o Estado. Nestes anos, a Púchkin é profundamente peculiar a ideia de que a simplicidade humana é a base da grandeza (conferir, por exemplo, o poema *Comandante*).

De acordo com a novela de Púchkin, é exatamente o fato de que em Catarina II, além da sua condição de imperatriz, também existe uma senhora de meia-idade, caminhando no parque com um cão, que permitiu mostrar seu humanismo. “A imperatriz não pode perdoá-lo”,⁸⁸ diz Catarina II a Macha Mirónova. No entanto, ela não é só uma imperatriz, mas também uma pessoa, e isso salva o herói ao passo que impede que um leitor imparcial perceba a imagem dela como unilateralmente negativa.

Colocar a questão: “em qual dos dois lados opostos está Púchkin?” significa não entender a estrutura ideológica da novela. Púchkin vê a fatal inevitabilidade da luta, entende a validade histórica da revolta camponesa, recusa-se a ver seus

87 BLAGOI, D. D. *Masterstvo Púchkina (A maestria de Púchkin)*, p. 264. (N. do A.).

88 PÚCHKIN, op. cit., p. 118.

líderes como “bandidos”. Mas ele não vê um caminho que das ideias e ações de qualquer um dos lados da contenda levaria a uma sociedade mais humana, de fraternidade e inspiração, cujos contornos turvos surgiram em sua mente.

A questão da atitude de Púchkin em relação às doutrinas sociais e utópicas do Ocidente nas décadas de 1820 e 1830 e seu papel no desenvolvimento do utopismo russo⁸⁹ não só não foi estudada como também sequer foi colocada em discussão. Entretanto, sem essa problemática, muito do trabalho do Púchkin tardio não pode ser entendido, ou é mal interpretado. O presente ensaio não se propõe e não pode se propor a se colocar na tarefa de estudar esses aspectos da obra de Púchkin; no entanto, é impossível não os levar em consideração.

As ideias utópicas das décadas de 1820 e 1830, apesar de toda a sua diversidade, tinham algumas características em comum: a crítica ao capitalismo como sistema econômico e à democracia burguesa como sistema político, a desilusão com a luta política – que é equiparada à politicagem burguesa –, e a decepção com a revolução violenta como caminho à ordem burguesa. A desilusão com as formas parlamentares da vida política combinada com a falta de uma ideia clara dos caminhos históricos que poderiam levar à sociedade justa que se avizinhava produziu em certa parte dos utopistas esperanças exageradas no governo, principalmente no poder individual, supostamente com capacidade de se elevar acima de sua sociedade contemporânea. Sobre isso, é ilustrativa a complexa dialética da postura de Belínski em relação ao governo no final dos anos de 1830.

Sobre essa questão, é particularmente curiosa a posição de Púchkin, autor de *A filha do capitão*.

No período de *Poltava*,⁹⁰ o poeta, perante a revelação de uma lei padrão como principal característica da história da humanidade, estava inclinado a considerar como grande apenas a

89 “Utopismo” é entendido aqui como um conceito amplo. Ver: LOTMAN, I. M. *Istoki “tolstóvskogo napravléniia” v rússkoi literature 1830-kh godov* (As origens da “tendência de Tolstói” na literatura russa da década de 1830); LOTMAN, I. M. *Izbr. stati* (Artigos selecionados). Talín, 1993, vol. 3. (N. A).

90 Poema de Púchkin, de 1828-29. (N. do T.).

figura histórica que havia vencido em si tudo o que era contingente, individual, humano, ao fundir totalmente o seu “eu” sem impurezas com o progressivo desenvolvimento histórico. Mas já a partir do poema *Herói*,⁹¹ com sua exigência de deixar para o herói o coração, mais evidente fica a noção de que a progressividade de uma figura histórica é medida pelo seu grau de humanismo. Essa questão tinha outro aspecto. No início da década de 1830 cresceram os sentimentos antiautocráticos de Púchkin. Em *Minha genealogia*⁹² e em *Dubrówski*, o governo, ancorado em uma pseudoaristocracia e em funcionários do Estado, é o principal inimigo, e o tsar, como o Estado personificado, é o ápice de seu sistema. Na segunda metade da década de 1830, Púchkin empreende tentativas utópicas de separar o indivíduo tsar do sistema estatal. Ao separar o indivíduo da máquina burocrática desprovida de alma, sentindo ele mesmo o utopismo de suas esperanças (em 1834 ele escreveu em seu diário sobre a imoralidade dos hábitos políticos de Nicolau I: “O que quer que você diga, é difícil ser autocrata”), ele esperava a ajuda da pessoa que estivesse à frente do Estado na empreitada de reformar a sociedade a partir de uma base humana, de criar uma sociedade que fizesse com que o humanismo e a bondade das qualidades individuais se transformassem em princípios de Estado. Assim são Duk, em *Ângelo*, e Pedro, em *O banquete de Pedro I, o Grande*. Nesse sentido, como observado por I. G. Oksman, é curioso que em *A filha do capitão*, se comparada com *A história de Pugatchóv*, temos a ênfase no papel de Pugatchóv como líder do Estado do povo, enquanto em *A história de Pugatchóv* Púchkin estava inclinado a vê-lo como um homem valente, mas um brinquedo nas mãos dos chefes cossacos. Assim, Púchkin se interessou pela “informação privada” de que Pugatchóv encarcerado supostamente teria “acusado” seus companheiros de que eles “por vários dias haviam implorado (em outras versões mais expressivas: haviam ‘exigido’) que ele assumisse o nome do falecido soberano e fosse seu líder, coisa que ele por muito tempo havia negado, até que, finalmente, embora tenha concordado, agiu de acordo

91 *Guerói*, poema de Púchkin, de 1830. (N. do T.).

92 *Moiá rodoslóvnaiá*, poema de Púchkin, de 1830. (N. do T.).

com a vontade e consentimento deles [...]”. Pelas mesmas razões, Púchkin se atraiu pela história da morte do preferido de Pugatchóv, Karnítski: “Em Tatíscheva, os cossacos do Ural, por causa de inveja, o colocaram em um saco e o jogaram na água. ‘Onde está Karnítski?’, perguntou Pugatchóv. ‘Voltou para a mãezinha dele Jáik abaixo”, eles responderam. Pugatchóv acenou com a mão e nada disse. Tal era a vontade dos cossacos do Jáik!”

Em *A filha do capitão*, Pugatchóv tem poder suficiente para, independentemente e apesar de seus associados, salvar Grinév e Macha Mirónova. Púchkin começa a apreciar em uma figura histórica a capacidade de mostrar a independência humana que não se dissolve na burocracia estatal, nas leis e no jogo político que o sustentam. Direto, sem elos intermediários, o apelo de Macha a Catarina II, a acessibilidade e o humanismo do Espírito que não põe uma ficção morta entre a vida e ela mesma; a independência de Pugatchóv da opinião de seus “bêbados” que “não teriam poupado a vida da pobre mocinha”⁹³ – tudo isso, no final das contas, proporciona desfechos felizes aos destinos humanos.

Seria um erro considerar que Púchkin, ao ver as limitações (mas também a justificação histórica) de ambos os lados – o nobre e o camponês –, os igualou no plano ético. O lado camponês e seus líderes atraíram Púchkin por sua poeticidade, que ele, é claro, não sentiu nem no comandante de Oremburgo, nem na corte de Catarina. A qualidade poética, para Púchkin, estava ligada não apenas ao colorido vívido das personalidades humanas, mas também à própria natureza do “poder” do povo, alheio à burocracia e ao formalismo mortal.

O poeta não se satisfaz com a sociedade russa do final do século XVIII, tal como com a sociedade de seu tempo. Nenhuma das forças sociais e políticas existentes à época lhe parece suficientemente humanista. Nesse sentido, é curiosa a correlação entre Grinév e Chvábrin. Não se pode concordar nem com o fato de que a imagem de Grinév é diminuída ou abobada, como acontece, por exemplo, com Biélkin, em *A história*

93 PÚCHKIN, 1980, p. 100.

da aldeia Goriukhíno,⁹⁴ nem com o fato de Púchkin substituir o herói central do tipo Dubróvski/Chvánvitch⁹⁵ apenas por razões de censura.

Grinév não é um porta-voz das ideias de Púchkin. Ele é um nobre russo, um homem do século XVIII, sua época está estampada em sua face. Mas há algo nele que atrai a simpatia do autor e dos leitores: ele não se encaixa no quadro da ética da nobreza do seu tempo, e por isso é muito mais humano. Ele não se dissolve completamente em nenhum dos dois lados da sua época. Nele podem ser vistos os traços de uma organização humana mais elevada e humanista, que vai além dos limites de seu tempo. O reflexo dos sonhos de Púchkin sobre relações sociais autenticamente humanas recai também sobre Grinév. E nisso está a profunda diferença entre Grinév e Chvábrin, que se encaixa perfeitamente no jogo das forças sociais de seu tempo. Pelos adeptos de Pugatchóv, Grinév é tido como um nobre que intercede pela filha de seu inimigo; e pelo governo é tido como amigo de Pugatchóv. Ele não se “encaixou” em nenhum lado. Já Chvábrin foi para ambos os lados: sendo um nobre com todos os estigmas de nobre (como o duelo), com um puro desprezo de classe pela dignidade de outra pessoa, ele se torna um servo de Pugatchóv. Chvábrin é moralmente inferior ao nobre comum Zúrin, que, educado no círculo das noções de classe, não sente seu caráter desumano, mas serve àquilo em cuja justiça acredita. Para Púchkin, em *A filha do capitão*, o caminho correto não é pular de um lado para um outro, mas, sim, elevar-se em relação ao “século cruel,” mantendo o humanismo, a dignidade humana e o respeito pela vida das outras pessoas. Nisso está, para ele, o verdadeiro caminho para o povo.

Iuri Lotman, 1962.

94 Conto de Púchkin, de 1830. (N. do T.).

95 “A fim de garantir a passagem de *A filha do capitão* para a imprensa, Púchkin teve que dividir a imagem de um nobre intelectual que se encontra no campo de Pugatchóv. Grinév foi dotado com as características positivas de Chvánvitch, e Chvábrin, com as negativas.” Oksman, I. G. 1957, p. 76. (N. do A.).

Referências bibliográficas

- BLAGOI, D. D. *Masterstvo Púchkina (A maestria de Púchkin)*. Moscou: Soviétski pissátíel, 1955.
- BOROVÓI, I. S. Ob ekonomítchieskikh vozzréniakh Púchkina v natchale 1830-kh gg. In: IZMÁILOV, N. (org.). *Púchkin i ego vrémia (Sobre as visões econômicas de Púchkin no início da década de 1830; Púchkin e seu tempo)*. Leningrado: Akademii Nauk, 1962.
- CHKLÓVSKI, V. *Zamétki o proze Púchkina (Notas sobre a prosa de Púchkin)*. Moscou: Sovietski pissatiel, 1937.
- FOKIN, N. I. *K istorii sozdánia "Kapitánskoj Dótchki" (Sobre a história da criação de A filha do capitão)*. Notas científicas do Instituto Pedagógico do Ural, v. 4, edição 3, 1957.
- FONVÍZIN, Denis. Nédorosl (O menor). In: FONVÍZIN, Denis. *Sobránie sotchinénie v dvukh tomakh (Obras reunidas em dois volumes)*. Moscou: Goslitizdat, 1959.
- GUILLELSON, I. M.; MÚCHINA, I. B. *Póvest A. S. Púchkina "Kapitánskaia dótchka" (A novela de A. S. Púchkin, A filha do capitão)*. Leningrado: Prosveschieniie, 1977.
- GUKÓVSKI, G. A. *Púchkin i problemi realistítcheskogo stília (Púchkin e os problemas do estilo realista)*. Moscou: Goslitizdat, 1957.
- LOTMAN, I. M. *Idéinaia struktura "Kapitánskoj dótchki" (A estrutura ideológica de A filha do capitão)*. In: LOTMAN, I. M. *Púchkin*. São Petersburgo: Iskússtvo, 1995.
- LOTMAN, I. M. *Istoki "tolstóvskogo napravléniia" v rússkoi literature 1830-kh godov (As origens da "tendência de Tolstói" na literatura russa da década de 1830)*. In: LOTMAN, I. M. *Izbr. stati (Artigos selecionados)*. Talín: Aleksandra, 1993, vol. 3.
- OKSMAN, I. G. *Ot "Kapitánskoj dotchki" A. S. Puchkina k "Zapiskam okhotnika" I. S. Turgueneva*. Sarátov: Saratovskoie knijnioie izdatielstvo, 1959.
- PÚCHKIN, Aleksandr. *A filha do capitão e o jogo das epígrafes*. Tradução de Helena Nazário. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- TOMACHÉVSKI, B. V. *Púchkin*. Moscou; Leningrado: Akademií Nauk, 1961.